

A representação da Língua Francesa entre expectativas universitárias e realidade na escola pública: um recorte plurilíngue em terras fluminenses

La représentation de la langue française à partir du regard universitaire et celui des écoles publiques: un cadre plurilingue à Rio de Janeiro

Joice Armani Galli¹
Brenda Leilah Telles²
Fernanda Borges Stroligo³
Fernanda Porto Côrrea⁴

Resumo

Propor um estudo sobre línguas e sua representação significa evocar o imaginário social e as questões relativas à identidade cultural de uma determinada narrativa histórica, política e discursiva. Foi nesse contexto que o presente projeto de pesquisa se desenvolveu, perspectivando o estudo da Língua Francesa (LF) junto à comunidade de formandos e no entorno escolar universitário. Partimos assim da língua enquanto prática social plena de representação, circunscrita a espaços e tempos históricos imbricados discursivamente numa política linguística cultural. Para tanto, a pesquisa foi iniciada a partir de discussões oriundas do campo da educação e das línguas estrangeiras (LE), valendo-se de teóricos, tais como Silva (1999), Revuz (1998), Charaudeau (2007) e outros mais específicos da LF, como Mourlbon-Dallies (2011), Mangiante e Parpette (2004). Os procedimentos metodológicos compreenderam o estudo dos protocolos de pesquisas de natureza qualitativa, como sugerido por Celani (2005), a elaboração de ferramentas para o levantamento de dados e a mise en place propriamente dita em incursões tanto nas escolas, quanto no cotidiano dos estudantes de francês. Os resultados evidenciam a necessidade de escuta de ambos os sujeitos, apontando demanda neste campo de estudo, perspectivando-se novos horizontes como sugere o FOS - français sur objectif spécifique (MANGLANTE; PARPETTE, 2016).

Palavras-chave: Representação. Língua Francesa. Escola. FOS. FOU Literário

Résumé

Proposer une étude sur les langues et leur représentation signifie évoquer l'imaginaire social et les questions concernant l'identité culturelle d'un certain narratif historique, politique et discursif. Dans ce contexte, le projet de recherche a été mené en envisageant l'étude de la Langue Française (LF) dans une communauté d'étudiants préparant leur diplôme et dans son voisinage scolaire. De cette façon, nous partons de la langue comme pratique sociale chargée de représentation, circonscrite à des espaces et à des temps historiques imbriqués discursivement dans une politique linguistique culturelle. Pour ce faire, la recherche a été initiée à partir de discussions issues du milieu de l'éducation et des langues étrangères (LE), en s'appuyant sur des théoriciens, tels que Silva (1999), Revuz (1998), Charaudeau (2007) et d'autres plus spécifiques de la LF, à l'instar de Mourlbon-Dallies (2011), Mangiante et Parpette (2004). Dans un premier temps, les procédures méthodologiques ont compris l'analyse qualitative, telle que suggérée par Celani (2005), puis

¹ Professora da Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1656-2003>.

² Discente da Universidade Federal Fluminense. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0278-1686>.

³ Discente da Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6733-9709>.

⁴ Discente da Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9510-4202>.

l'élaboration d'instruments pour la saisie des données et la mise en place du sondage tant dans les écoles que dans le quotidien d'étudiants. Les résultats soulignent l'écoute attentive de ces sujets, en considérant de nouveaux horizons comme le propose le FOS - français sur objectif spécifique (MANGLANTE & PARPETTE, 2016).

Mots-clés: Représentation. Langue Française. École. FOS. FOU Littéraire

Recebido em: 09/12/2020

Aceito em: 25/02/2021

Introdução

Em todo o mundo, o acometimento do vírus SARS-Cov-2 a partir de março de 2020 instaurou uma nova prática sobre as relações humanas através do então nomeado 'distanciamento social'. Instâncias educativas, desde escolas até universidades tiveram de se redimensionar frente a esta ameaça, a fim de evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde e preservar a vida humana. A pandemia da Covid-19 tornou ainda mais evidente a necessidade do uso das TICE (Tecnologias da Informação e Comunicação para o Ensino) para os processos de ensino e aprendizagem e, no caso das Línguas Estrangeiras (LE), foco do presente texto, tornou flagrante a emergência em se recorrer a outras formas de se pensar este conhecimento.

Ainda que não se discorra sobre transposição didática e sua relação com as tecnologias, nossa proposta compreende problematizar o ensino do Francês enquanto Língua Estrangeira (FLE) a partir da realização de uma pesquisa junto à comunidade acadêmica e escolar do entorno da Universidade Federal Fluminense (UFF), durante o período que compreendeu também a extensão da pandemia. Face a esse cenário, o objetivo do presente artigo é apresentar o contexto geral da pesquisa, a elaboração do instrumento de coleta de dados, bem como seus procedimentos, além dos resultados discutidos e analisados, particularmente, no referido período de confinamento, caracterizando a pesquisa em tela como uma investigação que deu voz a sujeitos então confinados, qual seja, os estudantes de francês da UFF.

O artigo está organizado de forma a, inicialmente, contextualizar a inquietação que levou o grupo a investigar qual seria a 'representação do francês' tanto nas escolas do município de Niterói, com professores, equipe diretiva e pedagógica, quanto com alunos de francês dos semestres finais do curso de Letras da UFF. Na seção a seguir, discorreremos sobre a fundamentação teórico-metodológica que sustentou o presente estudo, particularmente para a elaboração dos questionários que foram aplicados aos dois diferentes sujeitos da pesquisa, caracterizando assim a *recherche sur terrain* que qualifica não apenas o relato de experiência deste artigo, mas ensaia problematizar questões relativas à identidade e ao imaginário evocados quando se trabalha a Língua Francesa (LF) nas comunidades escolar e universitária. Por fim, a terceira grande parte do referido trabalho comporta as reflexões emanadas da discussão e análise de dados.

O nascimento da pesquisa

A LF goza de uma expressiva influência seja na formação intelectual brasileira, seja na formação do pensamento ocidental contemporâneo. A cultura da diversidade e da inclusão, do respeito às diferenças e da liberdade de expressão tão bem ilustrada em ‘é proibido proibir’, enunciado que marcou a revolução relativa a maio de 68 legou uma cultura plural, a exemplo da produção literária em torno da francofonia.

Quando se evoca o país dessa LE, evoca-se sua influência e presença até a atualidade e não sua imposição.

Valores como os expressos na divisa, quais sejam: *liberdade, igualdade e fraternidade* caracterizam as relações diplomáticas e históricas da França no mundo. No entanto, o pensamento relativo ao exercício da cidadania preconizado pela cultura francesa não encontra em países, como o Brasil, uma efetiva incidência na formação pública, seja no ensino-aprendizado dessa língua, seja no processo de leitura aos originais franceses, especialmente no que tange à literatura (GALLI, 2019, p. 9).

De natureza qualitativa, o recorte desta pesquisa ocorre face ao incômodo de perceber a LF comumente associada ao clichê do ‘chique’, como algo acessório e secundário na formação cidadã, referendando um estereótipo ultrapassado tanto nos estudos literários quanto nos processos de ensino e aprendizado de FLE. Dado o caráter social deste trabalho, trata-se de uma pesquisa que se insere no âmbito de políticas linguísticas por entender a pertinência em promover plurilinguismo e diversidade culturais advindas do Letramento em LE (CAMELO; GALLI, 2019). Nesse sentido, justifica-se o levantamento quanto ao que seja a representação do francês nas escolas da rede pública de ensino, buscando verificar a mesma noção através das expectativas do corpo discente para o entendimento deste contexto em sua formação futura.

A discussão sobre línguas e sua inserção efetiva na Educação Básica nacional data de um período ainda muito recente, em especial nestes tempos em que a língua inglesa voltou a ser entendida como sinônimo de LE (BNCC, 2018). Pensamos assim que, trabalhar pontualmente com uma das facetas dessa problemática, ou seja, sua representação através de diferentes prismas, possa auxiliar no fomento de pesquisas futuras, que venham a atender à demanda de LE na escola pública. Some-se a este dado, o fato de que na referida rede de ensino, a implementação do francês, ocorrida em 2014, contava com dez unidades escolares e atualmente não dispõe senão de quatro escolas no Ensino Fundamental.

Dessa forma, foram se delineando os objetivos e as hipóteses da pesquisa no início de 2019, a partir da questão: *O que desperta o francês em você?* Através da busca pelo entendimento do que está subjacente à representação que tanto os estudantes universitários quanto a comunidade escolar teria em relação ao FLE, as hipóteses, quais sejam, a de que o francês é uma língua acessória, portanto, desnecessária à formação universitária e escolar seriam verificadas à luz do aporte teórico e metodológico, ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Ao evocarmos ‘valores’, nesta seção introdutória do artigo, trazemos à cena a palavra-chave de nosso estudo: representação. Segundo Revuz (1998), a LE não recorta o real como o faz a língua materna (LM), entendemos que ela recorta assim sua representação, pois:

O que se estilhaça ao contato com a LE é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa. Pela intermediação da LE se esboça o deslocamento do real e da língua. O arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exultação... ou no desânimo (REVUZ, 1998, p. 223).

Nesse sentido, vários fatores fazem com que os alunos continuem ou desistam da LF, não tivemos a pretensão, entretanto, de verificá-los em sua totalidade. Buscamos tão simplesmente questionar quais valores, crenças e imaginários estariam representados quando se evocam as noções de língua e cultura francesas. Em outras palavras, o que desperta o francês? Tendo em vista que o contexto inicial da pesquisa seriam as escolas da rede pública municipal de Niterói, consideramos pertinente estudar a obra de Silva (1999), que discorre sobre currículos, sua tessitura e implicações na formação de uma dada sociedade, para refletirmos sobre as razões pelas quais o francês ora esteve na ‘grade curricular’ brasileira, ora fora excluído.

Não exclusivamente para o FLE, tais reflexões aplicam-se às demais LE, sobretudo quando pensamos esse conhecimento no programa da educação nacional. Na sequência, o grupo partiu para uma leitura mais específica sobre o francês e suas modalidades em países não-francófonos, a fim de entendermos a relevância dessa LE na formação cidadã e sua inserção no mercado de trabalho, como é o caso do *Français sur Objectif Spécifique (FOS)* Mangiante e Parpette (2004), Mourlhon-Dallies (2011), e particularmente do *FOS Professionnel en milieu scolaire*, Mangiante e Parpette (2016), já que estaríamos adentrando o contexto educacional.

Chamou-nos igualmente a atenção o *Français sur Objectif Universitaire (FOU)*, Mangiante e Parpette (2011, 2012) e especialmente o *FOU Littéraire*, Mangiante e Raviez (2015), já que os gêneros acadêmicos franceses têm o mérito de dialogar com as competências linguísticas adquiridas ao longo da formação, caso do *commentaire composé*, mas sobre este assunto teríamos de escrever outro artigo. As obras de referência desta área constam ao final do presente trabalho e valem pela colaboração do universo profissional que desvelam.

Por fim, nesta primeira etapa de estudos, o grupo se instrumentalizou por meio de leituras sobre pesquisas que qualificam a metodologia científica através de questionários, entrevistas e estudos dirigidos. A pesquisa de opinião, caso da investigação em tela, encontrou na proposta de questionários uma boa resposta à abordagem prevista. Dessa forma, o grupo passou a elaborar os instrumentos que forneceriam os dados da pesquisa, constituindo assim seu *corpus*. Os questionários sobre a representação da LF foram concebidos à luz dos estudos elencados na seção a seguir.

Arcabouço Teórico-Metodológico

O talhe discursivo que empregamos no presente artigo é resultado da convergência de diferentes áreas afins sobre o tema da língua, mas, sobretudo, na intersecção da Glotopolítica, da Linguística Aplicada (LA) e do Letramento em LE. Partindo da língua enquanto constituição do sujeito e prática social, entendemos que a fértil produção dos estudos da linguagem nas últimas décadas tem contribuído para o avanço dos processos de ensino e aprendizado, não bebendo assim unicamente do viés educacional que esse campo do saber está inserido.

Da mesma forma, não recorremos ao uso de ‘política linguística’ unicamente como língua minoritária ou minorizada, pois não é de maneira alguma o caso do francês, língua de prestígio e glamour. Sob a ótica de políticas linguísticas de LE inscrevemos o presente texto por entendermos ser relevante a discussão sobre a diversidade de estudos de línguas que não somente o inglês. Entendemos também que o francês não sendo a língua hegemônica, sua diminuição no espaço do debate público para a formação enquanto língua da pluralidade carece de mais pesquisas. A entrada pelo recorte da representação se justifica, uma vez que, segundo Lagares [...] *é preciso levar em consideração tanto as relações socioeconômicas quanto as dinâmicas culturais e identitárias e as representações linguísticas que configuram a situação concreta na qual se realiza a intervenção.* (2018, p. 23).

Dessa maneira, pensamos a pesquisa como uma forma de conhecer melhor um dos possíveis campos de atuação dos futuros professores de francês. A partir do cruzamento de dados que articulassem informações da realidade local escolar e as expectativas dos formandos, estaríamos trazendo à baila inquietações suscetíveis da formação docente. Da mesma forma, ao optarmos por trabalhar com dados de pesquisa que evocavam o imaginário cultural dessa língua nas comunidades alvo, buscaríamos desnaturalizar processos tidos como puramente técnicos e neutros, cientes de que as escolhas no campo da linguagem nunca são desprovidas de visões ideológicas. Além disso, uma pesquisa dessa natureza acaba por interferir na realidade local estudada, daí a pertinência em trazermos à discussão a abordagem do Letramento em LE.

Em uma sociedade cada vez mais marcada pela globalização e pelas mobilidades mundiais, como é o caso de refugiados e imigrantes no Brasil, particularmente nos últimos anos, consideramos importante entender este mercado de trabalho em transição. É nesse contexto que se desenvolvem abordagens para tais questões como é o caso do letramento social, postulado por Street (2014) que, por seu cunho crítico, realiza múltiplas leituras de uma dada comunidade linguística, inserindo-se na contemporaneidade dos estudos das línguas. Da mesma forma, a produção de Soares (2017) em torno da distinção entre ‘alfabetização’ e ‘letramento’ são legítimas no campo de estudos do FLE, uma vez que ser alfabetizado ou letrado em uma LE tem diferentes repercussões na formação linguística. O Letramento em línguas preconiza, portanto, uma abordagem mais social e crítica no processo de ensino e aprendizado deste conhecimento (GALLI, 2017b).

Após a virada linguística, situada no final do século passado, o ponto de inflexão se deu com base em estudos que fugiam ao olhar unicamente estruturalista e sistêmico da língua. Associando língua e sociedade, teorias como a Análise do Discurso e os fundamentos da Teoria Crítica pautam-se no discurso para questionarem as ideologias dominantes como forma de poder inerentes ao *modus operandi*. Voltando-nos mais para a situação da escola, o currículo pensando de maneira reflexiva é uma das preocupações da área da Educação, que vislumbram ideologias subjacentes às propostas curriculares

(SILVA, 1999). Nesse cruzamento, a LA, por seu caráter interdisciplinar propõe intervenções em especial na sala de aula de línguas. Mais atualmente, tais intervenções comungam também dos Estudos Culturais e Decoloniais, o que reverbera significativamente para os processos de ensino-aprendizagem de LE, com o aprofundamento de questões relativas às noções de representação e interculturalidade. A ressonância desses diálogos no campo das ideias tem tido efeitos no plano prático da sala de aula enquanto acontecimento social, desvelando o alcance do Letramento em línguas.

Sob tal perspectiva, questiona-se inclusive o fato de ser necessário beber exclusivamente de teóricos estrangeiros para discutir problemas locais, como é o caso das LE na escola pública brasileira. Respondendo ao caráter constituído e que constitui políticas linguísticas no Brasil, busca-se também romper com uma visão eurocentrista e positivista de pesquisas em torno de LE (GALLI, 2017c). Por tal razão, o grupo valeu-se dessas lentes teóricas para realizar a pesquisa, já que o Letramento estabelece assim conexões com teorias históricas e políticas, numa perspectiva explicitamente interdisciplinar para pensar o processo de construção do conhecimento em LE. Por conseguinte, seus desdobramentos, seja no ensino e aprendizado de línguas e literatura, seja na formação de professores aportam no processo global de aquisição/construção do conhecimento em línguas.

Dessa forma, o presente artigo é fruto do projeto que se inscreve em uma das vertentes da LA no Brasil, em que é particularmente importante ter-se clara a relação prática e teórica para os estudos de línguas, como é o caso do Letramento em LE. Situa-se igualmente na perspectiva da Glotopolítica, como alternativa para serem pensados projetos de cunho linguístico na esfera de atuação pública, pois postula-se que a ausência de efetivas práticas de Letramento em LE seja um fator de dificuldade para que se avance em ações de políticas inclusivas das línguas, no quadro de ensino em território nacional. Citando Lagares (2018, p. 44):

Nesse sentido, a história desse objeto político em disputa que é a língua deveria tentar responder à pergunta sobre as relações que sua representação estabelece com o universo cultural, econômico e social, e ao modo como é concebido em seu vínculo com a comunidade política.

Entendemos assim que enquanto não se experimentar a construção do conhecimento sugerido pelo processo de ensino e aprendizagem de LE não se poderá responder, nem mesmo se poderá elaborar perguntas de pesquisa de forma adequada. Nesse sentido, o papel da representação para a LF, no contexto nacional, implica mais estudos para um melhor entendimento da realidade objetiva. Perspectivado sob a ótica da linguagem e, portanto, de sua ideologia intrínseca, o entendimento dos estereótipos que envolvem a noção de representação mereceria maior aprofundamento, já que implicam a compreensão do que seja a competência intercultural CI (GALLI, 2018), ensejada pelo quadro complexo dos processos de aquisição⁵ de uma LE, em consonância ao que sugere a literatura da área.

Ainda no que tange à representação, nosso trabalho não teve a pretensão de adentrar a psicologia dos participantes, por isso não poderá ser estudada sob a ótica do que

⁵ Oportunamente consideramos relevante comentar brevemente sobre o conceito de aquisição impingido a este trabalho. Entendido como sinônimo de construção de um novo saber, a aquisição em LE aqui não rivaliza com os princípios de ensino-aprendizagem nessa área disponível na literatura de Krashen (1997), mas os complementam sob a esfera ampliada do Letramento em línguas.

distingue Calvet (2007, p. 158) quanto a práticas e representações. Segundo o autor (2007), aquelas corresponderiam ao que os falantes produzem e, as representações, ao que os falantes pensam de sua prática. Como o presente estudo partiu de uma análise discursiva quanto ao ensino de francês por parte de futuros professores de francês e de uma comunidade escolar, optamos por nomear ‘representação’ de forma genérica, abarcando seja sua prática, seja sua atitude, a fim de não incorrerem em interpretações terminológicas equivocadas.

Na perspectiva metodológica, a justificativa para trabalharmos dois diferentes sujeitos participantes de pesquisa: os licenciandos e os dirigentes escolares/professores de linguagens, interessa-nos, pois de acordo com Calvet (2007), não há diferença marcante entre os conceitos de representação e de atitude linguística. Apesar de sabermos que alguns teóricos postulam uma distinção rígida entre tais conceitos, não foi esse nosso objetivo quando propusemos a pesquisa. Entendemos que a representação linguística é realizada na prática e/ou na atitude da linguagem, resolvendo assim nossa escolha pelo termo ‘representação’ para tratar desta temática que nos é tão cara. Sendo as línguas um recorte da realidade, a representação, a nosso ver, ocupa um lugar central em sua análise.

Dado o caráter subjetivo da língua/cultura estrangeiras, o estudo da representação aporta na seara do sentido, fazendo com que o processo de construção desse conhecimento atenda aos preceitos do que seja Letramento em LE. A esse título, propomos acrescentar a noção de representação preconizada por Charaudeau (2007), para o qual as representações sociais são, como consequência, uma forma de tomar conhecimento de um mundo que é socialmente compartilhado.

Dessa forma, partindo das premissas da pesquisa linguística contextualizada ou sociolinguística postuladas por Chardenet e Blanchet (2011), comungamos a relevância de se fazer *l’analyse du terrain*, através de pesquisas que fundamentem as relações entre linguagem e formação. Para responder então ao objetivo geral da pesquisa quanto à identificação sobre qual seria a representação do FLE junto à comunidade de estudantes de francês e das escolas da rede pública do referido contexto, procedemos aos contatos e visitas a Fundação Municipal de Educação (FME), Associação dos Professores de Francês do Estado do Rio de Janeiro (APFERJ), dentre outros. Após cumpridos os protocolos e trâmites administrativos, pudemos participar das reuniões pedagógicas junto às escolas selecionadas para a amostragem da pesquisa. Do universo de 49 unidades escolares, optamos por trabalhar com três diferentes perfis: uma escola com oferecimento de LF, uma segunda que nunca tivesse oferecido esta LE e outra terceira que já tinha trabalhado com esta língua, mas sem oferta naquele momento.

Surgiram assim duas ferramentas para a coleta de dados junto à população do estudo: estudantes/expectativas e professores/realidade. Os sujeitos da pesquisa estariam de forma voluntária participando de um levantamento relativo ao que se encontra subjacente tanto para aqueles que veem no francês uma expectativa no futuro profissional, quanto para aqueles que já se encontram na realidade do mercado de trabalho. Ambos os questionários se caracterizam por apresentarem uma primeira parte com levantamento relativo a informações gerais, tais como gênero, faixa etária, formação, enfim, questões de cunho mais objetivo. Restando à segunda parte, dedicada à representação, a realização de perguntas que demandam respostas mais dissertativas.

A grande distinção de ambos os instrumentos reside principalmente nesta segunda parte, pois é desse suporte mais reflexivo que o grupo de pesquisa aguardava a expressão

das vozes da pesquisa, muito mais que dados, buscávamos a representação e essa ideia não pode por sua própria natureza ser quantitativa. Embora a interface de dados possa auxiliar, a pesquisa de cunho qualitativo na esfera educacional, como salienta Celani (2005), caracteriza os estudos da área das línguas particularmente no Brasil e merece ser mais desenvolvida apesar de seus entraves. Outro dado importante relativo ao texto dessa autora diz respeito ao compromisso ético que tal pesquisa pressupõe, pois se aceitamos *que vale à pena construir conhecimento, não podemos deixar de aceitar que vale à pena partilhá-lo* (CELANI, 2005, p. 111). Donde a pertinência em tornar públicos os resultados desta pesquisa de cunho qualitativo.

Dando continuidade à descrição das ferramentas da pesquisa, pode-se afirmar que, de maneira sucinta, o questionário voltado para as escolas abordava em sua II parte questões relativas ao universo da escola propriamente dita, conforme ‘Você acredita que o professor de LF com uma formação mais específica traria melhores resultados para o coletivo da escola e da formação dos alunos?’ Quanto ao questionário aplicado aos alunos, a pergunta que mais suscitou respostas longas foi a que contemplou a questão ‘O que você espera enquanto formando em francês (licenciatura/bacharelado)?’ A totalidade de ambos os documentos pode ser vislumbrada nas seções analíticas a seguir.

Ainda acerca dos procedimentos de elaboração e coleta de dados, a primeira população foi contactada no final do ano letivo de 2019 por meio do protocolo oficial que rege a entrada à Prefeitura, passando-se pela Secretaria de Educação, para somente então chegarmos ao total das 49 unidades escolares da FME. Em janeiro e fevereiro, juntamente à equipe administrativa da Fundação, procedemos à escolha das escolas de aplicação dos questionários *in loco*, no período que antecedia a volta do ano letivo através das reuniões semanais pedagógicas das escolas, elencadas segundo os critérios já referidos, pois considerávamos dispor de tempo junto aos professores.

Importa destacar que ambos os instrumentos de coleta de dados foram devidamente elaborados dentro do que preconiza o Comitê de Ética para Pesquisa com Seres Humanos, sendo desnecessário para o tipo de pesquisa de opinião que fosse solicitada a assinatura do TC – Termo de Consentimento. Interessa observar também a necessidade de escrita manifestada pela população estudada, uma vez que os resultados fornecem dados relevantes.

A primeira aplicação do questionário, portanto, antecedeu à pandemia da Covid-19, ocorrendo exatamente o inverso com o segundo grupo de sujeitos. Considerando que as aulas na universidade retornariam em meados de março de 2020, os primeiros contatos foram feitos logo neste período através da Coordenação do Curso de Letras Licenciatura e Bacharelado. Porém, a maior parte das respostas foram devolvidas ao grupo de pesquisa durante o período do confinamento, qual seja, abril e maio de 2020.

Ainda sobre a aplicação de ambos os instrumentos, o primeiro foi impresso, discutido com os professores e dirigentes escolares, preenchido e devolvido no mesmo dia da coleta; já o segundo, que foi adaptado ao formulário do *Google Forms*, cuja plataforma reúne as informações via endereço eletrônico, não teve senão um pequeno texto informativo de apresentação da pesquisa e foi devolvido em um prazo determinado. Cabe ressaltar que para ambos os sujeitos, além da participação voluntária, o sigilo foi garantido igualmente pelo formato anônimo. No item a seguir, nos debruçaremos sobre os resultados do primeiro bloco de informações: a realidade das escolas e, posteriormente, vamos discorrer sobre as respostas fornecidas pelos alunos.

Discussão e análise de dados – 1 – Os questionários das escolas

A presente pesquisa de campo sustenta seus resultados na totalidade de 65 questionários que foram desenvolvidos pelo grupo de pesquisa e aplicados junto às equipes diretivas e pedagógicas, além dos professores de linguagens. Apesar da diferença das escolas, os resultados foram muito semelhantes, por isso propomos primeiramente uma análise concisa de cada uma delas em separado para, a seguir, fazermos um apanhado geral no que diz respeito à realidade do que seja a representação do francês neste contexto. Optamos por realizar a apresentação a partir da ordem alfabética do nome das escolas, nomeadas para fins de pesquisa como A, B e C.

A primeira caracteriza-se por estar situada em zona privilegiada e conta com a realização de vários projetos, além de um espírito participativo e engajado que expressa a equipe diretiva, sendo uma dentre as quatro escolas que ainda mantém a oferta de LF. Estruturalmente, a unidade escolar atende ao I e II Ciclos⁶, ou seja, do primeiro ao quarto anos em turno integral, o que, segundo nossa análise, é um facilitador para o desenvolvimento do FLE, já que acaba por somar com os demais componentes escolares também na carga horária. Consideramos um facilitador também pelo fato de que em termos de “Representação”, mote da presente pesquisa, o fato de estar alinhado aos demais componentes curriculares atesta a integração desse conhecimento à totalidade dos saberes escolares em seu projeto político pedagógico (PPP).

Na escola A, foram respondidos 27 questionários, os quais nos mostram um perfil majoritariamente feminino. Com relação à “Representação” da LF, a unanimidade de respostas positivas acerca da importância do ensino/aprendizado indica a grande responsabilidade que as LE impõem para aqueles que as ensinam. Outro ponto importante desse mesmo tópico a ser mencionado é a variedade das respostas à questão “Para você, a LF é...”. Com a possibilidade de marcar até duas opções, destacam-se “difícil”, “moderna” e “chique/elitista”, lembrando, assim, alguns estereótipos comumente associados ao francês. A alternativa “outros” nos trouxe reflexões importantes, uma vez que a palavra “língua” apareceu nas respostas, não sendo nenhuma vez associada às opções mais estereotipadas mencionadas anteriormente. Somado a isso, a ideia de língua como acesso a outras culturas, englobando noções como “comunidade francófona” e “pluralidade cultural”, ocorreu de forma significativa.

Sobre a importância do ensino de francês para a formação do aluno, é unânime a concordância quanto à aprendizagem ser um diferencial. Para os entrevistados, a formação específica dos professores de LF traria melhores resultados para a escola e para os alunos. Sobre o tipo mais adequado de abordagem, a opção mais assinalada pelos professores foi o “francês para crianças”, tendo sido escolhida por 20 dos entrevistados e o “francês cultural”, noção que abarca artes e literatura, pelos demais entrevistados.

A segunda escola da pesquisa, denominada B, e que atende somente ao I Ciclo do Ensino Fundamental em horário integral, é a que corresponde ao critério de nunca ter oferecido a LF à comunidade escolar. Os dados gerais dos 21 formulários preenchidos pelos professores apontam para uma maioria também feminina. Sobre “Representação”,

⁶ As escolas municipais de ensino fundamental atendem a quatro ciclos de formação que procuram corresponder aos ciclos de vida. Assim, o I Ciclo comporta alunos do 1º ao 3º anos, o 4º e 5º anos estão no II Ciclo, o III atende ao 6º e 7º anos e, por fim, o IV Ciclo trabalha com os 8º e 9º anos. Esses quatro ciclos correspondem à faixa etária dos seis aos quatorze anos de idade.

vale ressaltar a totalidade das respostas positivas para a questão da importância do ensino/aprendizado de LE na escola pública, enquanto houve uma redução de cerca de 10% de respostas positivas para a mesma questão voltada especificamente para a LF. Também é importante mencionar que sobre as alternativas de definição do que seria a LF, mais de 42% das respostas selecionaram a opção “outros” e acrescentaram um adjetivo, expressão ou mesmo comentário que sugerem perspectivas mais particulares sobre a LF. Tais perspectivas dizem respeito à relevância cultural que o aprendizado do idioma somaria aos estudantes, como ‘enriquecedora’, ‘diferenciada’ e ‘agregadora’. Nesse sentido, cabe destacar a indissociabilidade do trabalho que envolve língua e cultura, compreendendo-se aqui cultura no seu escopo amplo, étnico, e não apenas erudito e clássico, o que foge ao francês da França hexagonal. Dito de outra forma, trabalhando língua enquanto binômio de cultura em suas práticas sociais, perspectivando-o de forma plural.

Finalmente, a última questão relativa à “Representação” indicou a pertinência do francês para crianças junto ao francês cultural, seguido do francês literário. Como observação geral, cabe acrescentar uma percepção de abertura para o ensino/aprendizado da LF no contexto da escola pública, mas ainda sob uma certa chancela de menos prioritário que outras LE (a saber, o espanhol e o inglês) no currículo vigente. Ao levar em consideração os dados expostos e as relações entre as respostas, percebe-se uma receptividade a um currículo mais plural e que possa ofertar outros vieses multiculturais por meio das línguas.

A escola C é a maior das três escolas, atende a todos os ciclos, do I ao IV, e ao I e II ciclos da EJA, além de ser a escola que não oferece mais a LF e estar localizada em uma zona de alta vulnerabilidade social. Dos 17 questionários respondidos, os dados gerais indicaram um perfil docente com destaque à presença feminina acima dos 30 anos. Foi identificado que os professores têm como moradia regiões no entorno do local de trabalho, assim entendemos que a proximidade é uma forma de facilitar o acesso profissional. Quanto a sua formação, temos 78% dos profissionais com pós-graduação completa, o que demonstra busca de qualificação para atender as necessidades pedagógicas apresentadas.

Na segunda parte, ao abordarmos a “Representação” do ensino de LE, obtivemos 100% de conscientização quanto a sua importância. Quando a pergunta é direcionada ao ensino da LF, apenas um representante escolar não a considera importante. Sobre o que a LF significa, as opções mais apontadas foram “moderna” e “outros”, cujos comentários para esse item foram: ‘necessária’ e ‘tão importante quanto as outras’. Quando a pergunta aborda o diferencial do aprendizado do francês na formação do aluno, metade concorda totalmente. Assim, verifica-se que a LF pode oferecer novas oportunidades aos estudantes. Tal constatação reverbera sobre o imaginário coletivo quanto à amplitude do horizonte de expectativas que se oferece ao sujeito quando se depara com uma LE. Ponderações a serem consideradas para o desenvolvimento de projetos sociais voltados à cidadania.

Quando a questão se refere à necessidade de formação específica do professor de LF para apresentar melhores resultados ao coletivo da escola e da formação dos alunos, os dados nos informam que 94% mostraram uma resposta positiva. Isso demonstra a necessidade de preparo dos professores de francês para atender de forma direcionada essas escolas. Sobre a abordagem mais adequada, obtivemos a maioria das respostas focada no francês cultural, seguido do francês para crianças, havendo parcela importante para o francês literário (16%).

Entendemos assim que, para o nosso estudo, apesar de escolas distintas, os resultados são muito semelhantes em relação à “Representação” da LF para a comunidade escolar dessa realidade brasileira. Concluímos igualmente que a maior lacuna do professor que chega nessa rede de ensino está relacionada ao francês para crianças, seguido de sua abordagem cultural e literária neste contexto educacional.

Cabe destacar que o *FOS Professionnel en milieu scolaire* (MANGIANTE & PARPETTE, 2016) parece ser um indicativo de que o trabalho coletivo e integrado às demandas locais responderia de forma mais inclusiva à inserção efetiva dessa língua nos currículos, como componente formador importante na elaboração do olhar sobre o outro e sobre si. De forma bastante resumida, pode-se dizer que o FOS, sendo uma modalidade do FLE, nasceu da urgência em atender um público determinado com objetivos específicos durante um tempo delimitado. Tratar-se-ia, assim, de um aperfeiçoamento dos docentes nesse contexto.

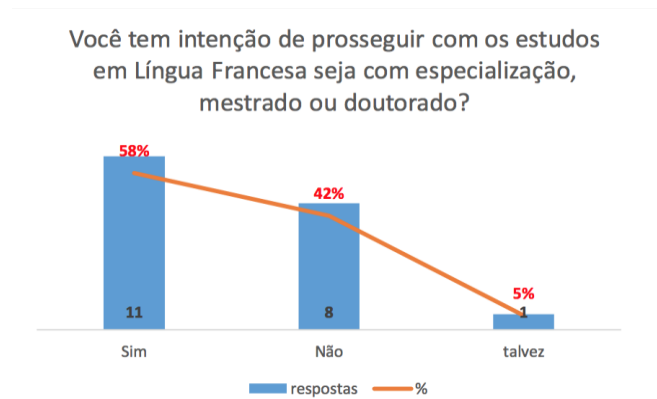
Ainda sobre os resultados que as línguas impõem, vejamos o que nos informam os dados relativos aos estudantes quanto às expectativas discentes no francês.

Discussão e análise de dados – 2 – Os questionários dos estudantes

Recebemos um total de 18 questionários preenchidos, sobre um universo não superior a 30 formandos, número, portanto, expressivo em termos percentuais como amostragem. Além dos dados terem sido coletados a partir de formulários da plataforma *Google*, como anunciado anteriormente, via *e-mail*, optamos por trabalhar com ambas as análises destas informações: dados objetivos e dados subjetivos, pois entendemos ser essencial o valor disponível nas respostas dissertativas dos alunos, de acordo com o que preconiza Celani (2005). A análise foi assim organizada de forma a apresentar os seguintes critérios: dados gerais, representação e expectativas.

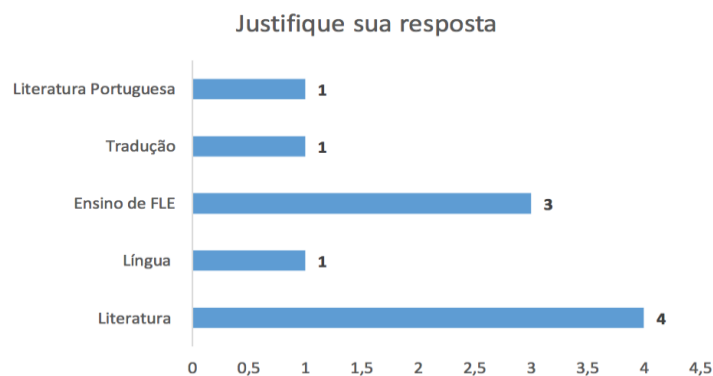
A partir dos resultados, podemos concluir que a maioria é do sexo feminino e tem entre 20 e 30 anos. Os resultados quantitativos da pesquisa nos mostram que essas alunas compõem uma população pendular, comum na universidade como um todo, o que significa que moram em municípios limítrofes de Niterói, como São Gonçalo, Rio de Janeiro e Maricá. No que tange à formação acadêmica, as opções “segunda graduação” e “licenciatura” obtiveram destaque. Como é possível observar nos gráficos 1 e 2, muitas possuem interesse em prosseguir com os estudos em áreas como: ensino de FLE e literatura.

Figura 1: Gráfico 1.



Fonte: Acervo das autoras

Figura 2: Gráfico 2.



Fonte: Acervo das autoras

Para a pergunta “Você considera importante o ensino/aprendizado de LF na escola pública?”, a maioria concorda 94%, enquanto 6% responderam que não. Ao perguntarmos sobre tal ensino/aprendizado na formação superior, obtivemos os mesmos resultados. Com a afirmativa “O aprendizado de LF é um diferencial na formação do estudante universitário”, 50% concorda totalmente, 39% concorda e 11% se mostram neutros. Nenhuma aluna discorda sobre a LF ser um diferencial. “Você acredita que um professor de LF com uma formação mais específica traria melhores resultados para o coletivo da escola e da formação dos alunos?” 85% disseram que sim e 17% disseram que não. É interessante observar essa perspectiva das alunas, pois, por estarem dentro da universidade, podem analisar e avaliar o conteúdo oferecido por ela.

Ao analisar o panorama geral do profissional de Letras, reconhece-se a necessidade de continuar os estudos na área da literatura ou das línguas. Assim, para a pergunta “Você tem a intenção de prosseguir com os estudos em LF, seja com especialização, ME ou DO?” obtivemos (36,4%) para Literatura e (27,3%) para Ensino de FLE, subáreas abordadas no currículo da Letras na UFF, que apareceram mais vezes nas respostas, em oposição à Tradução (9%), por exemplo, que não faz parte da grade de matérias obrigatórias. Outra ponderação que se pode fazer frente às respostas fornecidas diz

respeito à questão “Para você, LF é?”, cuja opção “Chique/Elitista” foi assinalada por 33% dos estudantes. Esse fato demonstra a atual visão da LF pelo futuro profissional como algo restrito ainda “para poucos”.

Tal dado é particularmente preocupante uma vez que do ponto de vista da “Representação”, o espaço por excelência de rompimento com os clichês e reprodução do mercado capitalista ainda parece gerar certa estereotipagem na comunidade acadêmica.

O formulário foi encerrado com a pergunta: “O que você espera enquanto formando em francês (licenciatura ou bacharelado)?” As respostas, apesar de variadas, nos trazem expectativas como, por exemplo, obter fluência no idioma, refletir sobre questões históricas e culturais e pensar em didáticas de ensino, espelhando seus ideais e o próprio caminho pelo qual passaram. Consideramos relevante, sobretudo, as observações relativas às didáticas de ensino de FLE, perspectivando na literatura da área, mas, principalmente, na produção entorno do *FOS Professionnel en milieu scolaire* (MANGIANTE e PARPETTE, 2016), uma vertente do francês promissora para os futuros professores.

Dentro do escopo da presente pesquisa, as respostas dos estudantes contribuem para a pertinente reflexão acerca da formação de professores de FLE de forma bastante contundente. Ao nos determos na não unanimidade dos dados obtidos em determinadas perguntas, é possível interpretar o perfil desse formando, seu ponto de vista sobre os estudos e as expectativas que guarda para o futuro profissional. Ressaltam-se as expectativas desses estudantes especialmente no que tange às questões finais, sobre “Representação”, voltadas respectivamente para o aprendizado de LF ser um diferencial na formação universitária, a importância da formação mais específica e os tipos de abordagens mais adequados.

Dos 18 retornos válidos, metade considera a língua como um diferencial para os estudos superiores, 83% está a favor de formações mais específicas e 44% menciona o “francês para crianças” como parte necessária dessa especificidade, seguido do “francês literário e acadêmico”. Enquanto grupo de pesquisa, reconhecemos aí a relevância em se considerar a possibilidade de uma *filière littéraire*, ou seja, um ramo mais voltado para a literatura francesa, sobretudo para os gêneros acadêmicos franceses, uma vez que, como assinalam Mangiante e Raviez (2015) no quadro dos programas de mobilidade estudantil, há grande distinção em relação à França no que tange à organização dos estudos universitários.

Nesse sentido, cabe destacar a crescente expansão do FOU - *Français sur objectif universitaire* (MANGIANTE e PARPETTE, 2011), dado o contexto de mobilidade acadêmica ocorrido na última década. Segundo esses mesmos autores “O FOU inscreve-se exatamente nessa perspectiva de uma aquisição de competências linguísticas combinadas a uma aquisição de *savoir-faire* em contexto, por conseguinte, de *savoir-faire* universitário”⁷. (MANGIANTE e PARPETTE, 2012, p. 150).

Por fim, reconhece-se que as expectativas dos concluintes perpassam por trabalhar em diversas escolas, demonstrando receio com a atividade docente e com a valorização profissional. Demonstram sua preocupação quanto à reflexão sobre o francês como língua elitizada, visto que prevalecem questões de escolhas entre aprender uma língua ou outra.

⁷ Do original: Le FOU s’inscrit totalement dans cette perspective d’une acquisition de compétences linguistiques combinée à une acquisition de *savoir-faire* en situation, en l’occurrence de *savoir-faire* universitaires”. (MANGIANTE e PARPETTE, 2012, p. 150). Tradução nossa.

Percebe-se, assim, uma incipiente desorientação a ser levada em conta sobre as oportunidades de atuação e o que delas esperar.

Considerações finais

A pesquisa em línguas nunca é um roteiro perfeito a ser seguido, estando no plano das relações humanas através do tecido que as constituem e as diferenciam de todas as demais relações: a língua. Por isso o caráter qualitativo delimitado pelo tema impõe a construção dos procedimentos metodológicos. Foi o caso da trajetória da pesquisa em tela, na qual permitimos que os dados ‘falassem’ discursivamente sobre a representação do francês nessas comunidades linguísticas, situadas em contextos históricos e políticos determinados socialmente, conforme preconiza o Letramento em LE.

Nesse recorte, no que tange às escolas, identificamos uma possível contribuição a formações mais específicas voltadas à realidade da Educação Básica, em particular o segmento do Ensino Fundamental. A “Representação” da LF, então, mostra as diversas camadas complexas em que a língua se insere e que seria interessante um maior direcionamento na formação acadêmica preparando-os para este contexto determinado. No que se refere aos estudantes, verifica-se que não se sentem tão seguros de quais caminhos seguir e por quais oportunidades buscar, quando não conhecem com consistência o meio para o qual se prepararam ou ainda não puderam contar com experiências mais afeitas à realidade local.

As respostas desses estudantes concluintes podem indicar uma imprescindibilidade da presença da comunidade dentro da universidade e das trocas fomentadas pela última no contexto geográfico, social, político, econômico e cultural no qual se inscreve, a fim de melhor acompanhar transições, vislumbrar carências, conciliar propostas e motivar seus discentes. Um foco em *FOS Professionnel en milieu scolaire*, por exemplo, seria um diferencial, um outro tipo de abordagem nas salas de aula que poderia ampliar o alcance do FLE, bem como um olhar sobre o *FOU littéraire*, a fim de contemplar a abordagem de gêneros acadêmicos franceses.

Assim, novos caminhos podem se abrir para todos aqueles envolvidos com o francês, seja nas escolas ou universidades, como aluno ou professor, somando esforços para a elaboração e realização de políticas públicas linguísticas democráticas e plurais que correspondam aos anseios da sociedade em sua formação cidadã.

Referências

BLANCHET, P.; CHARDENET, P. **Guide pour la recherche en didactique des langues et des cultures**: approches contextualisées. France. Éditions des archives contemporaines; Agence universitaire de la francophonie (Montréal), pp.509, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 29 ago. 2020.

CALVET, L-J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial; IPOL, [1995], 2007.

CAMELO, E.; GALLI, J. A. Línguas estrangeiras e outras relações possíveis com a escola pública. **Revista Investigações**, Recife, V. 32, n. 2, p. 456 - 478, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241740>. Acesso em: 30 out. 2020.

CELANI, M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada, Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 8, n. 1, p. 101-122, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/viewFile/15605/9792>. Acesso em: 30 out. 2020.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER H. (dir.), **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**, L'Harmattan, Paris, 2007.

GALLI, J. A. O ensino de literatura e a representação discursiva nas personagens femininas em 'Huis Clos', de J-P. Sartre. **Revista de Letras**, v. 1, n. 38, p. 7-20, 3 jun. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/60012/161778>. Acesso em: 20 nov. 2020

GALLI, J. A. Des représentations culturelles dans l'enseignement-apprentissage de français: la langue comme signe d'altérité dans le programme Brafitec. In: COSTA-FERNANDEZ et al. **Mobilités, Réseaux et interculturalités, nouveaux défis pour la recherche scientifique et la pratique professionnelle**. Collections Espaces Interculturels. Éditions de L'Harmattan, 2018, p. 249-260.

GALLI, J. A. Línguas estrangeiras: formação e pesquisa nas Letras, consciência política e social. In: ATAÍDE, C. et al. **GELNE 40 ANOS: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura**. São Paulo: Blucher, 2017b, p. 231-252. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/gelne-40-anos-1373/linguistica-183>. Acesso em: 12 maio 2020.

GALLI, J. A. La notion d'interculturel et l'enseignement-apprentissage des langues étrangères au Brésil: représentations et réalités du français. In: ZANINI, M. et al. **Synergies Brésil – Territoires et expériences de la francophonie en Amérique du Sud et ailleurs**. Numéro 12, GERFLINT, 2017c, p. 81-102. Consultado em 12 de maio de 2020. Disponível em: http://gerflint.fr/Base/Bresil12/armani_galli.pdf. Acesso em: 12 maio 2020.

KRASHEN, S. **Theory of second language acquisition**. Cambridge University Press, 1997.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

MANGIANTE, J-M.; PARPETTE, C. Le français sur objectif spécifique ou l'art de s'adapter. In: ALBUQUERQUE-COSTA, H.; CHANTAL, P. (Orgs.) **Français sur objectif universitaire: méthodologie, formation des enseignants et conception de programmes**. Série ENJEU. Vol. 4. São Paulo: Editora Paulistana, 2016, p. 15-27.

MANGIANTE, J.-M.; RAVIEZ, F. **Réussir ses études littéraires en français**. Grenoble: PUG, 2015.

MANGIANTE, J.-M.; PARPETTE, C. **Le français sur objectif universitaire**: de la maîtrise linguistique aux compétences universitaires. Synergies Algérie, 2012. Numéro 15, p. 147-166.

MANGIANTE, J.-M.; PARPETTE, C. **Le français sur objectif universitaire**. Grenoble: PUG, 2011.

MANGIANTE, J.-M.; PARPETTE, C. **Le français sur objectif spécifique**: de l'analyse des besoins à l'élaboration d'un cours. Paris: Hachette, 2004.

MOURLHON-DALLIES, F. Le français sur objectifs universitaires, entre français académique, français de spécialité et français pré-professionnel. In: **Synergies France GERFLINT**, 2011, p. 135-143. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Monde8-T1/mourlhon-dallies.pdf>. Acesso em: 30 out. 2020.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. Org. **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 213- 230.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnográfica e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.